

O megalitismo de xisto da Bacia do Sever (Montalvão – Cedillo)

■ JORGE DE OLIVEIRA¹

RESUMO Estudo das manifestações megalíticas da Bacia hidrográfica do Rio Sever, onde se têm individualizado dois grupos megalíticos:

1. grupo megalítico no patamar granítico, com pequenas necrópoles agrupadas em torno de um maior monumento;

2. sepulcros de pequena dimensão, com múltiplos esteios de xisto e pobreza artefactual.

Os trabalhos desenvolvidos nos monumentos de xisto permitem detectar uma especificidade arquitectónica: preparação prévia do solo, presença de múltiplos esteios sem esquemas pré-definidos, implantação dos esteios na vertical, raras coberturas, pouca diferenciação câmara-corredor (planta e alçado). Apesar destas diferenças, existe uma correspondência arquitectónica com as antas de granito em termos de tipologias de plantas: as diferenças arquitectónicas assentam fundamentalmente na distinta matéria-prima e nos constrangimentos das suas soluções arquitectónicas. As diferenças encontram-se também a nível dos espólios dos dois conjuntos.

A evidência arqueológica parece indicar uma contemporaneidade dos grupos megalíticos usando o granito e o xisto, confirmada pelas datações obtidas para a anta da Joaninha. A explicação para o menor investimento energético na construção de monumentos de xisto é aqui perspectivada em termos do respectivo ambiente socio-económico. Enquanto no patamar granítico a diversidade de recursos e a intensificação da agricultura conduziu a uma complexidade social gerando comunidades organizadas que constróem grandes monumentos, as zonas de xisto com solos fracos e secos encontram-se tradicionalmente relacionadas com a pastorícia, gerando maior mobilidade e menor sedentarismo.

ABSTRACT This is a study of the megalithic structures of the lower Sever River, where two megalithic groups have been identified:

1. a megalithic group in the granitic landscape, with small burials grouped around a larger monument;

2. smaller burials, with multiple stelae made of schist, and poor in artifacts.

Research conducted on the monuments made of schist allows us to detect an architectonic specificity: a preparation of the soil, the presence of multiple stelae without predefined schemas, the placing of vertical stelae, rare capstones, and little differentiation between the chamber and corridor (in plan and in profile).

The differences are also found at the level of the artefactual remains of the two groups. Despite these differences, there exists an architectural correspondence with the monuments of granite in terms of the typology of the plans; the architectural differences occur fundamentally in the distinct raw material and in the constraints of its architectonic solutions. The archaeological evidence also appears to indicate a contemporaneity between the groups using the granite and the schist, which is confirmed by the dates obtained by the Anta da Joaninha.

The explanation for the lower energy investment in the construction of the monuments of schist, relative to granite, is contextualized in terms of their respective socio-economic environments. While in the granitic landscape, the diversity of resources and the intensification of agriculture generated complex societies of organized communities which built large monuments, the zones of schist, with poor and dry soils, are found traditionally related with herding, which created greater mobility and less sedentism.

1. O contexto

Ao longo de vários anos temos vindo a estudar as manifestações megalíticas na bacia hidrográfica do Rio Sever. Este rio nasce na encosta norte da Serra de S. Mamede e desagua no Tejo. Em cerca de três quartos do seu percurso serve de fronteira entre Portugal e Espanha e drena vários contextos geológicos. Várias nascentes em cotas acima dos 800 m, na base das cristas quartzíticas que coroam a Serra de S. Mamede, criam pequenos regatos que se unem, formando o Rio Sever, em encostas de xistos antes de entrar no patamar granítico envolvente das cotas mais elevadas. Entre os 450 e os 300 m de altitude e ao longo de cerca de sete quilómetros drena formações graníticas. Neste patamar concentra-se uma mancha megalítica formada por antas e menires obtidos em granito. Os sepulcros, formados maioritariamente por câmaras poligonais de sete esteios, às quais se associam corredores de maiores ou menores dimensões, interligam-se com os conjuntos de características idênticas conhecidos para Este de Valência de Alcântara, no termo de S. Vicente e têm continuidade, na área envolvente de S. Mamede, já em terrenos mais aplanados, com o megalitismo funerário de Nisa, Crato, Alter do Chão e Fronteira, que por sua vez parece ligar-se, já mais a sul, com o grupo de Pavia. Outra das expressões megalíticas deste patamar granítico é caracterizada por vários menires de grandes dimensões, de entre os quais se destaca o da Meada, no concelho de Castelo de Vide, implantados, sequencialmente, na linha de contacto entre granitos e xistos.

O Sever segue depois o seu percurso encaixado em terrenos xistosos, quase esqueléticos, numa extensão superior a 12 km. Neste percurso de terras quentes e secas, os testemunhos da história do homem resumem-se a uma ou outra memória da presença romana. Próximo da foz e onde o Tejo já marca a paisagem, as margens do Sever, especialmente as linhas de cumeada, encontram-se polvilhadas de pequenos sepulcros megalíticos, formados por esteios de xisto, envoltos por blocos de quartzo leitoso.

Isolam-se, assim, na bacia do Rio Sever, dois grupos megalíticos. Mais a Sul, no patamar granítico envolvente da Serra de S. Mamede, ocupando os concelhos de Valência de Alcântara, Marvão e Castelo de Vide conhece-se quase uma centena de monumentos megalíticos funerários. Esta mancha, delimitada a norte e a sul pelas linhas de contacto xistos-granitos, organiza-se em pequenas necrópoles, nas quais, um monumento de maiores dimensões e com implantação privilegiada é envolvido, a curta distância por mais três, ou quatro de menores dimensões. Este distanciamento volumétrico e de local de implantação inter-necrópole parece ter uma correspondência directa com os espólios funerários identificados em cada um dos túmulos. Embora e por norma todos eles apresentem um rica e variada panóplia de objectos fúnebres, conseguem-se distinguir, no que maiores dimensões apresenta e que em local de destaque se implanta, conjuntos artefactuais de maior riqueza e prestígio.

A outra mancha megalítica situada na foz do Sever é formada por sepulcros de reduzidas dimensões, obtidos por múltiplos, mas pequenos esteios de xisto. Ou porque ainda insuficientemente estudados, ou porque as suas frágeis estruturas se encontram, na sua grande maioria muito destruídas, torna-se, para já difícil encontrar paralelos hierárquicos inter-necrópoles como as já constatadas entre os monumentos localizados no patamar granítico drenado pelo Sever. Igualmente, os espólios recolhidos nestes monumentos não possibilitam, por enquanto, estabelecer leituras comparativas muito claras. A pobreza artefactual dos espólios funerários, tanto em número como em diversidade é, até ao momento, uma norma, sem grandes excepções, nestes monumentos funerários.

2. A arquitectura do megalitismo de xisto

A base das sepulturas construídas na zona dos xistos encontra-se, geralmente, abaixo da linha de terra. Assentando sobre afloramentos de xisto ou em solos argilosos, verificamos que o espaço funerário foi rebaixado em relação ao nível exterior. Uma regularização cuidada do piso, contrastando fortemente com o detectado nalguns monumentos de granito, foi a norma dos construtores das câmaras funerárias da zona norte da área em estudo. Esta regularização, quando não efectuada pelo desbaste dos afloramentos da rocha, foi conseguida com a compactação de argila e pequenos fragmentos de xisto ou calhaus rolados introduzidos no interior dos abatimentos mais significativos. Outra variante foi já possível identificar. No monumento funerário da Joaninha, em Cedillo, várias e finas lajes de xisto, justapostas, encontravam-se a revestir a base do monumento. Sobre a rocha, pouco regularizada, uma fina camada de argila muito compactada servia de almofada ao lajeado do espaço funerário.

Tal como ocorre nas antas de granito, os esteios dos monumentos de xisto foram implantados em alvéolos abertos no solão de base. Contudo, algumas diferenças estão presentes. Nas sepulturas cujo piso foi mais rebaixado, o que ocorre nos monumentos mais simples e provavelmente fechados, os alvéolos são pouco profundos, raramente ultrapassando os vinte centímetros em relação ao nível interno. A diferença do nível interno para o nível externo por vezes pode ultrapassar os quarenta centímetros. Os monólitos foram assim colocados de cima para baixo, mas levemente inclinados para o interior.

O esteio de cabeceira quando isolável é mais largo e mais espesso que os restantes. A resistência desta peça é fundamental para a estabilidade de toda a construção, considerando que é a partir dele que se organiza toda a estrutura funerária. Nele descansam, ainda que só nalguns casos, os topos dos esteios laterais. É notória a diferença da qualidade da contrafortagem do esteio de cabeceira em relação à existente para os outros elementos. Esta contrafortagem foi normalmente obtida por blocos de xisto e por vezes calhaus rolados unidos por argila compactada introduzidos entre os alvéolos e os monólitos. O número de esteios nos monumentos de xisto é muito variável. A quantidade de ortóstatos é inversamente proporcional à sua dimensão. Esta relação reflecte-se, naturalmente, na planta destas construções. Nas que possuem esteios mais largos a câmara e o corredor parecem querer individualizar-se, como ocorre na anta da Lomba da Barca. Quando os esteios são mais pequenos, quer em largura, quer em altura, a distinção entre câmara e corredor é menos clara e por vezes não existe o chamado esteio de cabeceira, como é o caso da anta do Cerro de la Caldera (Herrera de Alcántara). Nestes monumentos, em forma de saco, geralmente os mais longos, como seria a anta da Nave do Padre Santo, os esteios terminais são muito pequenos, raramente ultrapassando os trinta centímetros de altura e pouco implantados no solo.

Entre os monumentos compostos por múltiplos esteios encontramos pequenas câmaras, provavelmente fechadas, de forma ovalada ou sub-rectangular, sem que qualquer esteio se destaque em termos volumétricos. Estes espaços funerários, insuficientemente estudados, pouco ultrapassam a linha de terra. A inclusão dos esteios teria que ser antecedida pela abertura no solo da câmara funerária

Ao contrário do que se verifica nos monumentos de granito, os esteios dos de xisto foram implantados praticamente na vertical. O reduzido ângulo que formam com a linha de terra não justifica a existência da linha de esteios secundários externos que normalmente ocorre nas antas de maiores dimensões da área dos granitos. Esta segunda linha de pequenas lajes destinava-se a vedar as aberturas deixadas entre os esteios, junto à sua base, provocadas pela inclinação que os monólitos normalmente apresentam para o interior da

câmara. A menor inclinação dos esteios para o interior nos monumentos de xisto justifica-se, quer pelo menor diâmetro destas câmaras, quer pela menor resistência a pressões exercidas sobre a orientação da xistosidade desta rocha. Nos monumentos de granito, com câmaras que junto à base podem ultrapassar os quatro metros, se os esteios se encontrassem perfeitamente na vertical, para além de apresentarem menor resistência, obrigavam à obtenção de um chapéu de muito maior diâmetro do que o necessário quando os esteios, porque inclinados, se aproximam nos topos.

Nos monumentos em xisto raros são os que ainda apresentam coberturas. Na margem portuguesa a anta dos Pombais, um dos exemplares mais interessantes e mais problemáticos, sobretudo pela sua arquitectura e implantação geográfica, é a única sepultura localizada nos xistos que ainda possui cobertura da câmara. Uma das singularidades desta anta prende-se exactamente com o chapéu de granito que lhe cobria a câmara. A sua localização na imediação da linha de contacto xistos/granitos justificará a presença de um elemento de outra origem geológica a fechar o espaço funerário principal. Se para talhe dos esteios os construtores da anta dos Pombais optaram pelo xisto, para a grande laje que cobria esta espaciosa câmara escolheram, ainda que transportado de mais longe, um bloco de granito.

Para além da anta dos Pombais, apenas a pequena anta de La Sevillana (Cedillo) apresenta uma laje de xisto ainda sobreposta sobre os esteios. Em mais nenhum monumento da zona norte da área em estudo foi identificada qualquer cobertura. A necessidade de lajes para construções posteriores justificará, seguramente, a ausência de coberturas nos restantes monumentos. Tratando-se de espaços funerários de pequenas dimensões e com coberturas facilmente manuseáveis, sem grande dificuldade seriam removidas para outros locais.

Ainda que desconheçamos exactamente qual a forma ou formas de cobertura destes monumentos, torna-se importante referir dois sepulcros que apresentam algumas interessantes particularidades. A anta do Vale Muchacho (Nisa) foi totalmente destruída nos anos quarenta deste século para obtenção de pedra destinada à construção de uma pequena casa agrícola que se veio a implantar a cerca de vinte metros para poente do que ainda hoje resta da mamoa. Localizada nas imediações do Vale do Tejo, portanto a mais de quinze quilómetros da zona dos granitos, nas paredes desta casa encontram-se blocos da referida rocha. Interrogado o proprietário e responsável pela construção, fomos informados que as pedras utilizadas nesta casa, ou foram extraídas duma pequena pedreira situada a poucos metros a norte da anta, hoje destruída, ou do próprio monumento. Pelo número de blocos de granito visíveis no aparelho da casa poderemos deduzir que algum esteio, ou provavelmente a cobertura seriam de granito, à semelhança do verificado na anta dos Pombais. Assim sendo, a obtenção desta rocha obrigaria ao seu transporte de uma distância superior a quinze quilómetros.

Outro interessante monumento é o da Tierra Caída I (Cedillo). Este sepulcro é o que provavelmente possuirá os esteios mais altos de toda a zona dos xistos. Estes, com alturas acima do solo superiores a dois metros, e mais inclinados do que o normal para estes monumentos, encostam, entre si os topos, formando uma câmara quase em forma de pirâmide. As pequenas frestas que nalguns sítios se verificam foram colmatadas por um tosco aparelho de pedra vã. O acesso ao interior da câmara apresenta-se em forma de triângulo. Sem se proceder a qualquer trabalho de escavação, dificilmente se pode compreender se a inclinação dos esteios, algo anormal para monumentos deste género, se deve a abatimentos posteriores, ou se desde a origem a câmara foi assim projectada.

Ainda que desconheçamos muita informação e face a tão grande diversidade de situações, poderemos, contudo, levantar a hipótese de que alguns monumentos nunca tivessem possuído coberturas monolíticas, mas apenas fossem fechados pelos próprios esteios, quando mais longos e mais inclinados.

A raridade de coberturas nestes monumentos não pode, todavia, ser explicada para todos os casos pelo processo verificado em Tierra Caída I. Monumentos como Quatro Lindones, Cerro de Caldera, Caneiro, Salgueirinha, Fonte da Pipa, Lomba da Barca, Padre Santo, Joaninha e tantos outros, seriam cobertos por lajes depostas na horizontal. Contudo, não será de excluir, igualmente, a hipótese, de, pelo menos alguns sepulcros nunca terem possuído coberturas. Um *tumulus* poderia cobrir directamente o espaço funerário, depois de aterrado.

A pouca diferenciação, em planta, entre a câmara e o corredor também é muito esbatida em alçado. Ao contrário do que encontramos nas antas de granito da zona sul da bacia do Sever, onde uma grande diferença, por vezes superior a cento e cinquenta centímetros, separa a cobertura da câmara das coberturas do corredor, nas antas de xisto não se verificam esses desníveis. Da câmara para o corredor as alturas vão decrescendo gradualmente sem que ocorram diferenças significativas, constituindo pequenas áleas cobertas. A inexistência de patamares entre a altura da câmara e o corredor poderá reflectir a existência, não de uma única cobertura para a câmara como ocorre nos granitos, ou no caso excepcional da anta dos Pombais, mas de diversas lajes, de menores dimensões que justapostas, ou imbricadas cobririam regularmente toda a sepultura. Assim sendo, seriam de muito menores dimensões e facilmente removíveis, explicando-se deste modo a sua actual ausência.

Qualquer destas estruturas funerárias construídas em xisto foi protegida por uma mamoa. Quatro diferentes materiais foram utilizados na construção das estruturas tumulares dos sepulcros de xisto: lajes de xisto, blocos de quartzo, calhaus rolados e argila. Nos monumentos estudados verificámos que directamente adossadas aos esteios, pequenas lajes de xisto, fortemente imbricadas e por vezes compactadas com argila, envolviam totalmente o espaço funerário. Lajes de maiores dimensões foram identificadas na periferia da anta da Lomba da Barca, provavelmente relacionadas com anel de contenção, hoje já desaparecido. A presença de blocos de quartzo filoniano de dimensões variadas são constantemente identificados na periferia dos monumentos. Raros foram os registados na compactação interna das mamoas, levando-nos a pensar, pelo seu posicionamento, que se destinariam a revestir exteriormente o *tumulus*. Na anta da Nave do Padre Santo (Nisa) os blocos de quartzo para além de ocorrerem na periferia do monumento foram também identificados a servirem de calços internos dos esteios, quer da câmara, quer do corredor.

A utilização de calhaus rolados de calibragem diferente, mas maioritariamente de cor clara, ainda que associados a lajes de xisto e aos sempre presentes blocos de quartzo, foram utilizados na construção das mamoas das antas da Fonte da Pipa, Vale Muchacho, Vermelha e Ofélia I e II (Nisa).

Na periferia da anta da Nave do Padre Santo identificámos alguns blocos de quartzo de grandes dimensões. Pelo seu volume e posição periférica parece terem pertencido a um provável anel de contenção da mamoa, hoje totalmente destruído. Nos monumentos escavados verificámos que os elementos pétreos da mamoa assentavam directamente sobre a rocha. Observou-se, assim, que os construtores destas sepulturas removeram as terras existentes sobre a rocha e assentaram a estrutura lítica do *tumulus* directamente sobre o solão, procurando conferir-lhes mais estabilidade. A presença de terras pouco compactadas na base das mamoas poderia não fornecer a segurança necessária à construção do monumento. Recordemos que as margens do Tejo e as do Sever a norte de Montalvão e nas imediações de Cedillo apresentam fortes pendentes, obrigando os construtores de megálitos a procurarem os topos das linhas de cumeada para a implantação dos sepulcros. A remoção de terras facilmente arrastáveis pelas águas e o assentamento dos elementos líticos das mamoas

directamente na rocha, ofereceria maior estabilidade a toda a construção. Mesmo perante uma tão grande preocupação em conferir estabilidade às mamoadas elas chegaram até nós, ou completamente esgotadas, ou já muito desmembradas. Os trabalhos agrícolas e sobretudo as fortes pendentes dos solos onde se implantam parecem ter sido os grandes responsáveis pela sua destruição.

3. As datas absolutas da Anta da Joaninha no contexto do megalitismo da Bacia do Sever

Até há pouco tempo os pequenos monumentos funerários de xisto passaram praticamente despercebidos à comunidade arqueológica. A Primitiva Bueno se devem os primeiros estudos de carácter sistemático, especialmente para a região de Santiago de Alcântara e, de alguma forma, também a eles se refere no estudo que desenvolveu em Valência de Alcântara.

Em trabalhos anteriores, tanto nossos como de Primitiva Bueno, uma das grandes questões que se colocavam em torno da expressão megalítica dos monumentos de xisto de pequena volumetria e na ausência de datas absolutas para este tipo de sepulcros, assentava, invariavelmente, no seu posicionamento cronológico, especialmente em relação aos monumentos de maiores dimensões obtidos em granito. A proximidade geográfica, as grandes semelhanças do ponto de vista arquitectónico e, de alguma forma, o paralelismo do conjunto artefactual, ainda que com as suas especificidades próprias, patente nos megálitos de xisto e granito, induzia-nos a uma contemporaneidade, pelo menos de utilização, dos dois universos megalíticos. Até à escavação da anta da Joaninha, no Termo Municipal de Cedillo, as únicas amostras datadas provenientes de monumentos semelhantes, tinham sido obtidas sobre carvões recolhidos na Anta da Lomba da Barca, no concelho de Nisa. Estes carvões forneceram uma idade (anos BP) de 950 ± 80 . Este valor, ainda que transformado em anos calendário, corresponderá, seguramente, a uma fase de violação, muito tardia do monumento. Os outros sepulcros escavados na margem portuguesa, sobretudo porque se encontravam muito afectados pela plantação de eucaliptos, não forneceram materiais datáveis. Encontravamo-nos, assim, na ausência de um fundamental elemento de aferição das teses apresentadas anteriormente. As duas amostras recolhidas no monumento da Joaninha submetidas a datação por radiocarbono, forneceram, respectivamente, as seguintes idades (anos BP): 3840 ± 170 e 5400 ± 210 . Estas amostras referem-se a carvões recolhidos em dois níveis distintos e estruturalmente separados. A primeira, Sac-1381: 3840 ± 170 anos BP, refere-se a um conjunto de carvões identificados na base do monumento, na zona de transição entre a câmara e o corredor, envoltos em terra muito compactada, sem sinais de violação e onde, igualmente, se recolheu a maioria dos artefactos. Estes carvões, associados a cinzas, encontravam-se incluídos em terras que assentavam directamente sobre o lajeado que formava o piso do espaço funerário. Sob este lajeado e entre a fina camada de terra que o separava da rocha de base, recolheu-se outro conjunto de fragmentos de madeira carbonizada, associados a pequenas manchas de cinzas, que forneceram a segunda data, Sac-1380: 5400 ± 210 anos BP.

Embora estejamos em presença de apenas duas datações elas revestem-se da maior importância, quer por serem as únicas até agora disponíveis para este tipo de monumentos e que, de alguma forma, não parecem resultar de actos de violação do sepulcro, quer por, de uma forma clara, encontrarem paralelos nas datas já disponíveis para monumentos de maiores dimensões, obtidos em granito e situados na área da bacia do Sever.

A primeira data da anta da Joaninha, Sac - 1381: 3840 ± 170 insere-se no contexto temporal já referenciado através das amostras 1 e 3 da Anta da Cabeçuda, no concelho de Marvão, que forneceram, respectivamente, as seguintes idades: 3650 ± 110 anos BP e 3720 ± 45 anos BP. A primeira, resultou de carvões recolhidos no interior de um pequeno silo aberto na câmara do monumento, associados a taças abertas, com superfícies lisas. A segunda, refere-se a landes carbonizadas, recolhidas sob os esteios tombados da câmara, igualmente associadas a cerâmicas lisas. A anta da Cabeçuda é um monumento de câmara poligonal muito regular, com corredor curto. Ainda que com algum afastamento, mas não muito significativo, sobretudo se atendermos às margens de erro, poderemos, igualmente, encontrar paralelos cronológicos para a amostra 1 recolhida na anta das Castelhanas. Esta amostra (OXA-5432), de que resultou a idade de 3220 ± 65 anos BP, era formada por ossos humanos carbonizados, associados a recipientes semi-esféricos sem decoração, pontas de seta de sílex de base convexa e fragmentos de placa de xisto sem decoração. A anta das Castelhanas é um monumento em granito de câmara poligonal regular com corredor curto.

A segunda amostra da anta da Joaninha (Sac - 1380: 5400 ± 210 anos BP), recolhida sob o lajeado da base do monumento, sem materiais arqueológicos associados, parece enquadrar-se no conjunto de datas, vulgarmente consideradas muito antigas, já disponíveis para os monumentos graníticos da área em estudo. As amostras a que nos referimos, recolhidas em monumentos do concelho de Marvão, como na anta das Castelhanas (ICEN-1264: 6360 ± 110 anos BP), na anta da Cabeçuda (ICEN-978: 7660 ± 60 anos BP) e na anta da Figueira Branca (ICEN-823: 6210 ± 50 anos BP), referem-se, a carvões incluídos em terras saibrosas na base da câmara, sem artefactos associados, provavelmente resultantes da abertura das fossas de implantação dos esteios ou, como no caso da anta da Figueira Branca, de carvões de uma lareira não estruturada, identificada na base da mamoa. Neste último exemplo, os carvões encontravam-se associados a um elemento de mó fracturado e a fragmentos de cerâmica muito rolados.

Pelas datas obtidas na anta da Joaninha, parece já confirmar-se a nossa anterior hipótese, que apontava para a contemporaneidade de utilização das duas expressões megalíticas situadas na bacia do Sever. Este paralelismo temporal parece, em face dos dados disponíveis, ter maior enquadramento nos monumentos de corredor curto, obtidos em granito, do que nos monumentos de corredor mais desenvolvido. A única amostra datada, até agora disponível, para esta região, relacionada com monumentos de corredor longo, foi obtida na anta IV dos Coureiros, no concelho de Castelo de Vide e forneceu a idade de 4240 ± 150 anos BP (ICEN-976).

Não deixa de ser interessante igualmente reparar como a idade dos carvões (Utc-4452: 6022 ± 40 anos BP), recolhidos na fossa de implantação do menir da Meada, no concelho de Castelo de Vide apontam para uma aproximação às datas consideradas muito antigas dos monumentos megalíticos de características funerárias agora apresentados.

Parece confirma-se, com a data mais antiga agora disponível para o monumento da Joaninha, associada à série que, de alguma forma começa a ser já significativa, para esta pequena bacia hidrográfica que, pelo menos nesta região, e sem entrar numa análise mais detalhada, como noutros textos anteriores já fizemos, que a construção megalítica se entrosa numa já tradicional apropriação do mesmo espaço.

4. O ambiente socio-económico do megalitismo de xisto

Se as datações até agora obtidas parecem confirmar a contemporaneidade dos monumentos de xisto e granito, elementos existem que nos poderão ajudar a compreender a diversidade arquitectónica e artefactual dos dois conjuntos.

As pequenas câmaras funerárias de xisto, pequenas sobretudo em altura, começam agora a merecer a atenção dos investigadores que tentam compreender esta variante megalítica nas suas mais diversas vertentes. Uma das questões que em torno delas se pode colocar, diz respeito às suas características morfológicas. Constatam-se, de imediato que o investimento energético despendido na sua construção é muito menor do que, por norma, teria sido necessário para construção dos monumentos graníticos. Três a quatro pessoas, em poucos dias poderiam cortar, transportar e construir um espaço funerário com estas características. Ainda que com outras prováveis variantes, reconhecem-se, até agora, três grupos arquitectónicos. Poderemos, sinteticamente, isolar câmaras fechadas, mais ou menos alongadas; câmaras abertas, em forma de saco e câmaras poligonais, muito regulares, com corredor. No grupo das câmaras abertas podem ainda identificar-se corredores de maior, ou menor comprimento. Na zona em estudo, extremo Nordeste do Alentejo e recanto Oeste da Extremadura espanhola drenado pelo Tejo, poderão servir de exemplo, para o primeiro grupo, o monumento de Baldio Gitano II (Santiago de Alcántara), para o segundo grupo, de corredor longo, o monumento da Joaninha, de corredor curto, o monumento da Era de los Guardias, ambos em Cedillo, e para o terceiro grupo, o monumento da Lomba da Barca localizado no concelho de Nisa.

De uma forma genérica encontramos correspondência arquitectónica para estes três tipos nos monumentos obtidos em granito nesta região. Afastam-se, contudo, tanto na volumetria, como na forma de utilização da matéria prima. Nos monumentos graníticos as câmaras são formadas, genericamente, por esteios simples, cujo o número, raramente, ultrapassa os sete. Os corredores, quando presentes, são formados por esteios, igualmente simples, variando o seu número em função do seu comprimento, mas que, maioritariamente, são constituídos por um máximo de quatro a cinco esteios de cada lado. Nos monumentos de xisto, tanto na câmara, como no corredor, os esteios são múltiplos, reforçados e por norma encaixados entre si. Poderíamos, numa primeira análise, considerar que a solução arquitectónica adoptada resultaria mais das características da matéria-prima do que da técnica construtiva, contudo, conhecem-se monumentos, igualmente obtidos em xisto, onde se identifica uma técnica de construção idêntica à utilizada nos monumentos de granito. Para exemplo bastará referir o monumento de Tierra Caída 1 (Cedillo), Bordalo (V. de Alcántara), ou os grandes sepulcros recentemente estudados por Primitiva Bueno nos arredores de Alcántara. Nestes casos, para além das dimensões dos esteios, em tudo idênticas às dos monumentos pequenos/médios de granito, a técnica construtiva parece ser semelhante. Verifica-se a utilização de um número limitado de esteios simples, implantados individualmente nos alvéolos. Assim, as dissemelhanças arquitectónicas dos monumentos de pequena volumetria, parecem não depender exclusivamente da matéria-prima. Poderemos afirmar que estamos em presença de uma outra realidade arquitectónica, que reflecte um menor investimento na casa dos mortos. Se o investimento é de facto menor, do ponto de vista de cada monumento, ele parece multiplicar-se ao observarmos a grande densidade de túmulos por território megalítico. Esta observação é, claramente, notável na foz do Rio Sever, tanto na margem espanhola como na portuguesa. Várias dezenas de sepulcros são assinaláveis numa pequena área. Os pontos mais destacados das linhas de fecho, tanto principais como secundárias, foram eleitos como espaços de tumulação. Esta situação contrasta, significativamente, com a realidade da zona granítica da bacia do Sever. Aqui, agrupamentos de, no máximo, quatro a cinco monumentos, poderão ser considerados já como constituindo uma grande necrópole.

Atendendo às diferenças, quer quanto ao número de monumentos por território, quer quanto às dimensões internas dos espaços funerários, parece poder deduzir-se que, provavelmente, estaremos em presença de atitudes distintas perante a morte, ou de contextos soci-

ais diferentes. Na zona granítica da bacia do Sever a construção dos espaços funerários implicava, forçosamente, a congregação de um número muito maior de membros da comunidade e, paralelamente, os túmulos apresentam uma muito maior área funcional. A zona dos xistos revela, ao invés, espaços funerários muito menores e como consequência um reduzido número de pessoas envolvidas na sua edificação.

Perante estas observações poderemos ser levados a concluir que, enquanto na zona granítica os espaços funerários reflectem um claro comunitarismo, tanto na vida como na morte, na zona dos xistos a multiplicidade e dimensões dos túmulos poderão indiciar um maior individualismo. Se às observações do ponto de vista arquitectónico adicionarmos o que nos é dado a concluir perante o número, estado e diversidade de espólios recolhidos em monumentos das duas áreas em apreço, verificamos que o número de tumulados, tanto primários, como secundários, é significativamente distinto. Poderemos estimar que o número de depósitos funerários em monumentos de dimensões médias da região dos granitos, por norma, ultrapassa as duas dezenas, enquanto que nos monumentos de xisto e tendo, especialmente como referência o parco espólio identificado, esse número era significativamente menor. Parece, assim, que as comunidades estabelecidas na foz do rio Sever, zona xistosa, ergueram monumentos funerários a que poderemos chamar de características familiares, contrapondo-se aos monumentos, sintomaticamente de natureza comunitário, que ocorrem na zona granítica.

Naturalmente, estas observações problematizam-se se considerarmos o que de há muito se vem afirmando, isto é, o sepulcro megalítico apenas acolhia um grupo restrito de membros da sociedade. Esta constatação parece deduzir-se com alguma facilidade na realidade megalítica dos grandes monumentos, contudo, torna-se mais difícil a sua aplicação aos numerosos e pequenos espaços funerários da zona dos xistos. Se for aceitável a nossa interpretação de que se tratariam de jazigos familiares, teremos, então, que questionar se todos, ou apenas alguns membros dessas famílias teriam direito a ser aí tumulados. Se para os monumentos de granito sabemos que a idade e o sexo não eram motivo de exclusão, a inexistência, até ao momento, de restos ósseos, com dimensões mensuráveis, recolhidos em monumentos de xisto torna muito mais incerta qualquer interpretação. Fazendo uma, mas sempre perigosa, comparação com os tempos históricos verificamos que a densidade populacional das duas regiões em análise é substancialmente diferente. Os índices baixam significativamente na foz do Sever, se comparados com os patamares graníticos da Serra de S. Mamede. Esta realidade parece decorrer da multiplicidade de recursos que a serra oferecia e oferece, face à pobreza dos solos da região situada mais a norte. Transpondo esta realidade para épocas pré-históricas e atendendo às características e sobretudo ao grande número de sepulcros conhecidos, poderemos ser levados a concluir que o megalitismo dos sepulcros de xisto seria muito menos elitista, ou mesmo a última morada para todos os membros da comunidade.

Estaremos, assim, em presença de dois comportamentos sociais distintos. Os patamares graníticos da Serra de S. Mamede propiciadores de uma grande diversidade de recursos, estimulariam um tipo de economia reforçadora dos laços sociais. As práticas agrícolas constituiriam a base económica destas sociedades, implicando um relação mais estreita entre o homem e a terra e uma crescente domesticação e apropriação dos solos. Deste tipo de economia resultaria uma maior complexificação da organização social, onde as normas de sociabilidade conduziriam à emergência de líderes e conseqüentemente à criação elites. Só comunidades suficientemente organizadas podem gerar espaços funerários monumentais, como os que ocorrem nas encostas da Serra de S. Mamede. Monumentos como o da Tapada de Matos, Coureiros II ou Alcolgulo II - Castelo de Vide, formados por esteios

com pesos superiores a 5 t, só seria possível a sua construção em ambientes com lideranças fortes e em sociedades coesas. Obrigatoriamente, a comunidade teria sustentar um número significativo de horas/homem para o corte, transporte e construção de tão gigantescos monumentos megalíticos. Esta capacidade de disponibilização de recursos não se revê no ambiente megalítico presente na foz do Sever e margens do Tejo. Aqui é notória a pobreza de recursos naturais. As fortes pendentes, os vales profundamente cavados, os solos fracos e secos inviabilizam uma economia sustentada, unicamente na agricultura. Na foz do Sever, a pastorícia, à semelhança dos tempos históricos, deverá ter sido, ao tempo dos construtores de sepulcros megalíticos a base económica predominante. Neste contexto a relação do homem com terra é mais frágil, assumindo aspectos distintos das sociedades agrícolas. A sedentarização efectiva que a domesticação da terra implica não assume a mesma expressão nas sociedades dependentes de uma economia assente na pastorícia. A mobilidade dos agregados familiares decorrente da apascentamento de gados gera relações sociais menos estruturadas e consequentemente inviabilizadoras da congregação de um número elevado de horas/homem conducentes a uma maior monumentalização da casa dos mortos. Parece-se-nos ser esta uma das hipóteses explicativa para a reduzida volumetria dos monumentos megalíticos na zona mais a norte da Serra de S. Mamede, junto à foz do Sever. Somos levados, assim, a concluir que os monumentos volumetricamente menores, obtidos em xisto, terão sido construídos por comunidades de pastores, enquanto que os monumentos de maiores dimensões, por norma obtidos em granito, serão um produto de comunidades socialmente mais estruturadas alicerçadas em economias agrícolas e geradoras de maior número de excedentes. Digamos que estas observações poderão ser aplicáveis à paisagem em estudo e não, necessariamente, generalizáveis a outros contextos. Contudo, não deixará de ser interessante verificar como de alguma forma elas parecem ter expressão idêntica em ambientes onde, ainda hoje, a pastorícia assume uma importância acrescida na economia das comunidades. Exemplos desta situação poderemos encontrá-los na margens do Guadiana, especificamente em solos de pouca aptidão agrícola, como seja o caso de parte dos concelhos de Mourão e Mértola.

Se, paralelamente, às características arquitectónicas analisarmos o mobiliário fúnebre recolhido, quer em monumentos de xisto, quer em monumentos de granito, verificamos, mais uma vez, um claro reflexo dos recursos disponibilizáveis para o espaço dos mortos. Sem que enveredemos, aqui, por uma análise detalhada de materiais arqueológicos, constatamos que existe uma relação directa entre a monumentalidade do túmulo e o espólio aí depositado. Essa relação directa revela-se, no número, na diversidade e sobretudo na riqueza ou prestígio dos artefactos.

Também no universo artefactual se espelha, claramente, o tipo de economia que o justifica e sustenta. Entre a panóplia de artefactos fúnebres identificáveis nos monumentos de grandes dimensões, as cerâmicas ocorrem em grande profusão. Trata-se de um produto indispensável às sociedades agrícolas e sedentárias e, de alguma forma, pouco compatível com comunidades em constante deambulação. Nestas, os artefactos de contenção são obtidos, por norma de matérias de origem animal ou vegetal, que pela sua fácil deterioração não chegaram até nós. Nos monumentos de pequenas dimensões da zona dos xistos, as cerâmicas, ou estão completamente ausentes ou, quando ocorrem são em pequeno número. Assim, a ausência de cerâmicas neste tipo de monumentos, poderá ser mais um elemento que reforça a sua relação com comunidades predominantemente pastoris. Eventualmente, os tumulados seriam acompanhados por alguns artefactos de contenção, que em vida fariam parte do seu mobiliário, mas, por serem obtidos em materiais orgânicos não chegaram até nós. Com facilidade poderemos aceitar que os recipientes em pele, madeira, ou

corno fariam parte do equipamento normal dos guardadores de rebanhos e que com eles fossem depositados nos espaços funerários, substituindo os recipientes cerâmicos conotáveis com as comunidades mais sedentárias.

Os elementos de mó são outro dos artefactos que ocorrem em grande quantidade nos monumentos da zona dos granitos. Dispersos nas colinas tumulares, reutilizados como calços de esteios, ou mesmo como artefactos fúnebres, podem ultrapassar a meia centena num só monumento. Como exemplo desta situação refira-se a anta da Cabeçuda no concelho de Marvão. Nas pequenas sepulturas da zona dos xistos a presença deste artefacto é raro. Nos vários monumentos por nós estudados nessa região apenas as antas da Joaninha e a da Era de los Guardias, em Cedillo e a da Lomba da Barca, no concelho de Nisa, forneceram cada uma um dormente. Contudo, no que se reporta ao dormente da anta da Lomba da Barca não poderemos estabelecer uma relação directa com o monumento funerário. Encontrava-se à superfície, a uma dezena de metros da anta, encostada a uma velha azinheira. Servia e continuou a servir de assento ao pastor que aí apascentava ovelhas e cabras.

As mós serão, seguramente, de entre todos os artefactos, aqueles que maior relação directa terão com as práticas agrícolas, não deixando de ser sintomática a sua quase ausência no contexto do megalitismo da foz do Sever.

De entre os espólios funerários provenientes de sepulcros da zona dos xistos, destacam-se, pelo seu número e robustez os instrumentos líticos polidos. Neste conjunto as enxós/enxadas, são raras. São os machados, de grandes dimensões, geralmente polidos só no gume, de secção quadrangular, ou rectangular, que dominam as percentagens artefactuais. Nos monumentos da zona dos granitos, os instrumentos líticos polidos, para além de ocorrerem num número proporcionalmente reduzido, dividem-se, em partes muito idênticas entre enxós/enxadas e machados, dominando, nalguns monumentos, especialmente nos de corredor mais longo, as enxós/enxadas. Embora os instrumentos líticos polidos estejam, na sua globalidade, intimamente relacionados com actividades agrícolas, são, naturalmente, as enxós/enxadas que, diariamente, são utilizadas pelos que na exploração da terra baseiam a sua economia. Comparando os machados provenientes dos dois tipos de monumentos verifica-se que eles se diferenciam sobretudo pelo peso, secção e especialmente, na relação entre o largura do gume e o comprimento total da peça. Os machados da zona dos granitos são mais pequenos, melhor acabados, geralmente de secção rectangular ou elíptica e com gumes alargados e bisel mais fechado. Tratam-se de instrumentos adaptados ao corte de madeira. Ao invés, a maioria dos machados recolhidos em monumentos da foz do Sever, pouca capacidade de corte apresentam. Apercebe-se, pelas suas características que o objectivo do gume não seria tanto o corte perfeito, mas antes apresentarem uma maior capacidade de perfuração ou contusão. Funcionariam, assim, preferencialmente, como armas. O pastor, muito mais exposto aos perigos do que agricultor, far-se-ia acompanhar, com maior frequência, de instrumentos de defesa. Poderá, ser também este, mais um elemento a corroborar a diferença de estruturas económicas existentes nas duas regiões, que se reflectiram em investimentos distintos no ritual da morte.

Leituras semelhantes poderemos fazer a partir da frequência de pontas de seta identificadas nos dois contextos megalíticos em análise. Entre os monumentos já escavados situados nos patamares graníticos da Serra de S. Mamede, conhecem-se mais de um milhar de pontas de seta, maioritariamente em sílex. As pontas de seta recolhidas em monumentos da foz do Sever o seu número dificilmente ultrapassa as duas dezenas. Tratando-se de artefactos, especialmente dirigidos à actividade cinegética e encontrando-se os grandes sepulcros nas imediações da floresta, que revestia as cotas mais altas da Serra de S. Mamede, rica em espécies animais, as pontas de seta poderão ser outro indiciador da diversidade de

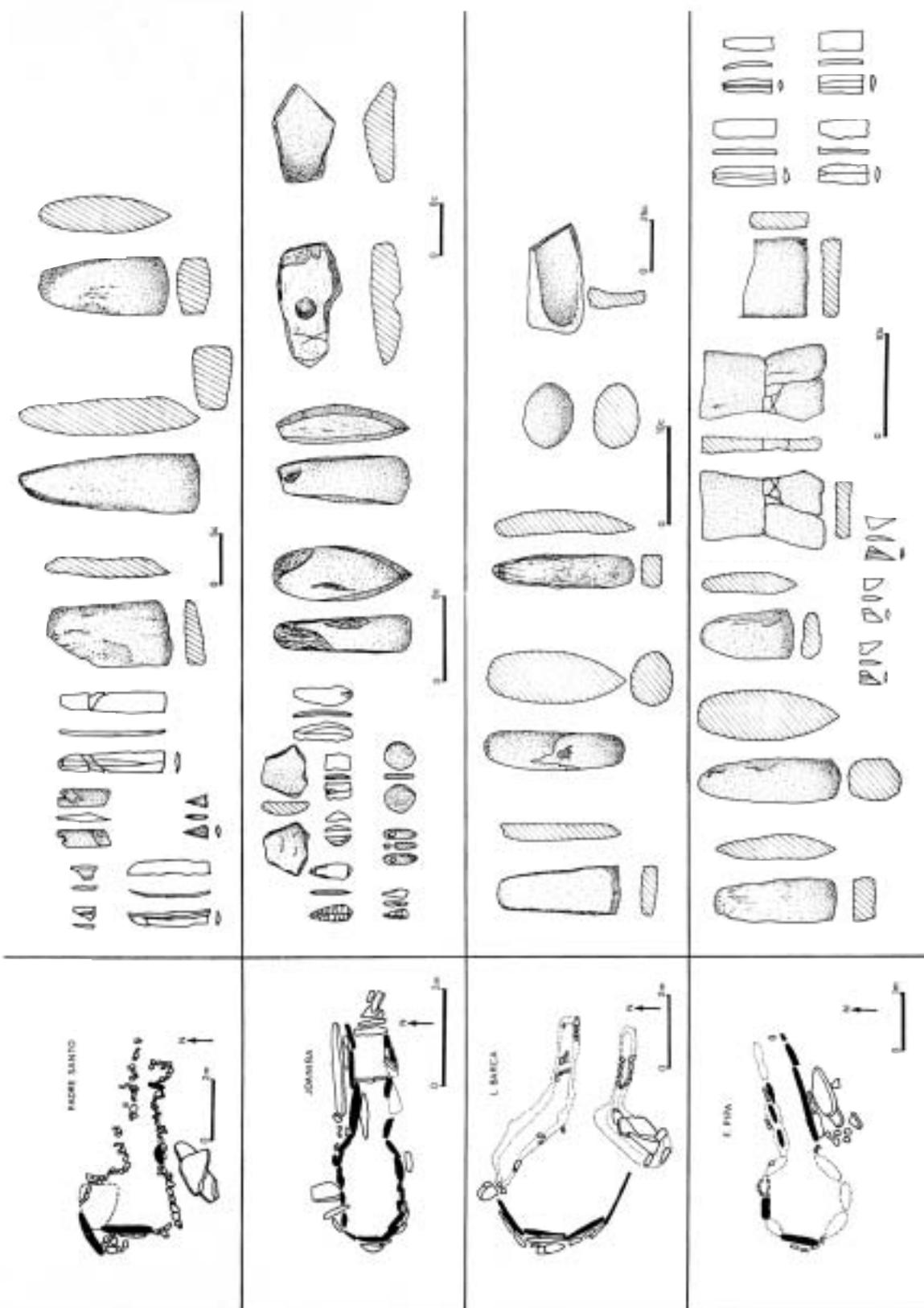
recursos que estas comunidades explorariam. Ao invés, embora a caça não fosse, naturalmente, estranha às comunidades das margens do Tejo, ela parece não ter uma grande expressão nos conjuntos artefactuais identificados nos sepulcros de xisto, indiciando, provavelmente, menores recursos cinegéticos naquela zona. Embora a matéria-prima preferencial para a obtenção destes artefactos seja o sílex, conhecem-se inúmeros exemplos de pontas de seta obtidas em xisto. Reveste-se do maior interesse verificar que o monumento que forneceu o maior número de pontas de seta em xisto é a anta das Castelhanas, situada em pleno patamar granítico e construída, igualmente com esteios de granito. Acresce o interesse por estes artefactos se verificarmos que para qualquer das comunidades em estudo, mas especialmente às que deambulavam pelas margens do Tejo, o xisto, como matéria-prima para obtenção de pontas de seta, estaria muito mais disponível do que o sílex. Esta rocha, que se ocorre na área em estudo estará presente em quantidades muito pequenas, incompatíveis com o número e sobretudo com as dimensões da maioria dos artefactos conhecidos. O sílex seria, assim, importado em bruto, ou já talhado, de outras regiões, provavelmente da costa atlântica. Esta importação reflectiria um acréscimo de prestígio nos que foram tumulados acompanhados de artefactos de sílex e, conseqüentemente, espelhará uma economia mais desafogada entre os construtores dos grandes monumentos, contrastando-se à das comunidades estabelecidas na foz do Sever. Entre estas, embora os artefactos de sílex, também estejam presentes ocorrem em número e dimensões muito reduzidas. Destaque-se a ausência das grandes lâminas, ou das vulgarmente denominadas “alabardas”, entre os espólios dos pequenos monumentos de xisto.

Assim, poderemos ver na zona onde a pastorícia teria maior incidência um fenómeno megalítico semelhante ao das comunidades cuja economia assentava na exploração agrícola, mas expresso em rituais modelados à escala dos seus recursos económicos.

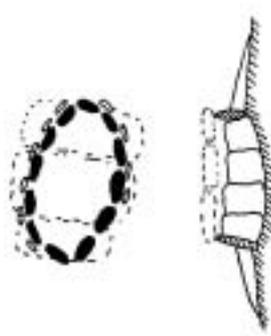
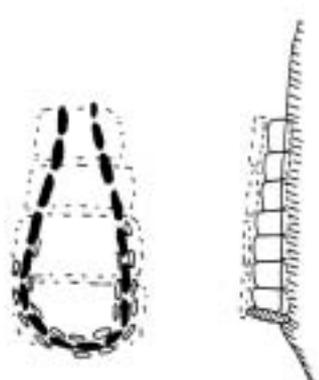
Decorre, de tudo o que acima afirmámos e sobretudo, da série de datas já disponíveis, que, pelo menos os espaços funerários da zona dos granitos, tiveram uma longa utilização funcional, servindo várias gerações. Importa agora verificar, a partir de outros trabalhos a desenvolver em sepulcros da zona dos xistos, se esta constatação é aplicável aos monumentos volumetricamente menores, de características mais familiares.

Principais datas para Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever

MONUMENTO Laboratório	Idade BP	1 Sigma cal BC	2 Sigma cal BC	Comentário
Anta das Castelhanas – Marvão (amostra 2) ICEN-1264	6360±110	5430-5394 5387-5222	5448-5059	Carvões na base da câmara, associados a pontas de seta de base recta, ou convexa, em xisto. Anta de corredor curto.
Anta das Castelhanas – Marvão (amostra 1) OXA-5432	3220±65	1520-1420 1340-1320	1630-1380	Ossos humanos carbonizados associados a semi-esféricos lisos, pontas de seta de sílex de base convexa e fragmento de placa de xisto sem decoração. Anta de corredor curto.
Anta da Bola da Cera – Marvão ICEN-66	4360±50	3038-2916	3258-2900	Ossos humanos carbonizados associados a placa de xisto de recorte antropomórfico, na base da câmara do monumento. Anta de corredor curto.
Anta da Cabeçada - Marvão (amostra 1) ICEN-977	3650±110	2178-2166 2142-1881	2328-1736 1715-1698	Carvões no interior do “silo” na base da câmara, associados a taças abertas com superfícies lisas. Anta de corredor curto.
Anta da Cabeçada – Marvão (amostra 2) ICEN-978	7660±60	6477-6418	6593-6577 6564-6378	Carvões no interior da câmara sobre o solão granítico. Anta de corredor curto.
Anta da Cabeçada – Marvão (amostra 3) ICEN-979	3720±45	2185-2162 2144-2033	2274-2252 2204-1971	Landes carbonizadas sob os esteios tombados da câmara, associadas a fragmentos de cerâmica lisa. Anta de corredor curto.
Anta dos Coureiros – Cast. de Vide ICEN-976	4240±150	3021-2984 2927-2611	3335-2459	Carvões no interior do corredor associados a placa de xisto de contorno e decoração geométricos. Anta de corredor longo.
Anta da Figueira Branca - Marvão ICEN-823	6210±50	5235-5201 5097-5085	5302-5270 5014-5007	Carvões na base da mamoa provenientes de lajeira não estruturada, associados a dormente fracturado. Anta de corredor curto.
Anta da Joaquina – Cedillo (amostra A) Sac-1381	3840±170	2550-2540 2490-2030	2870-2800 2770-2720 2700-1870 1840-1780	Carvões sobre o lajeado da base do monumento, associados a machado de anfibolite e ponta de seta e lâmina em sílex. Anta em xisto.
Anta da Joaquina – Cedillo (amostra B) Sac-1380	5400±210	4460-3980	4710-3770	Carvões entre o lajeado da base do monumento e o solão, em terras compactadas sem materiais arqueológicos
Menir da Meada - Cast. de Vide UIC- 4452	6022±40	4860-4940	4810-5010	Carvões na base do Menir da Meada, no interior do alvéolo de implantação.



SEPULTURAS MEGALÍTICAS DA BACIA DO RIO SEVER - NORDESTE ALENTEJANO

CÂMARAS SIMPLES		CÂMARAS COM CORREDOR DIFERENCIADO	
CÂMARAS FECHADAS	CÂMARAS ABERTAS	CÂMARAS COM CORREDOR CURTO	CÂMARAS COM CORREDOR LONGO
<ul style="list-style-type: none"> -Construídas em xisto -Planta sub-retangular ou sub-circular -Formadas por múltiplos esteios -Implantadas nas linhas de cumeeira -Eixo maior orientado maioritariamente a SE -Presença de blocos de quartzo na mamoá -Espaço funerário sob a linha de terra 	<ul style="list-style-type: none"> -Construídas em xisto -Corredor sem diferenciação em planta e alçado -Planta em forma de saco -Formadas por múltiplos esteios -Implantadas nos pontos mais evidentes da linha de de cumeeira -Aberturas orientadas a Este -Abundantes blocos de quartzo na mamoá -Espaço funerário ao nível da linha de terra 	<ul style="list-style-type: none"> -Construídas em granito -Corredor diferenciado em planta e alçado -Câmaras octogonais de sete esteios principais -Clara identificação do esteio de cabeceira -Mamoas diversificadas -Quando associadas a outras de corredor curto ocupam o local mais notável 	<ul style="list-style-type: none"> -Construídas em granito -Corredor diferenciado em planta e alçado -Câmaras octogonais de sete esteios principais -Clara identificação do esteio de cabeceira -Mamoas diversificadas -Quando associadas a outras de corredor curto ocupam o local mais notável
<p>Sem datas</p>	<p>Datas disponíveis:</p> <p>Josinha A-----3840±170 BP</p> <p>Josinha B-----5400±210 BP</p>	<p>Datas disponíveis:</p> <p>Castelhanas ----6360±110 BP</p> <p>Castelhanas ----3220±65 BP</p> <p>Bola da Cera----4360±50 BP</p> <p>Cabeçuda-----3650±110 BP</p> <p>Cabeçuda-----7660±60 BP</p> <p>Cabeçuda-----3720±45 BP</p> <p>Fig. Branca---- 6210±50 BP</p>	<p>Datas disponíveis:</p> <p>Courelheiros IV:4240±150 BP</p>
			

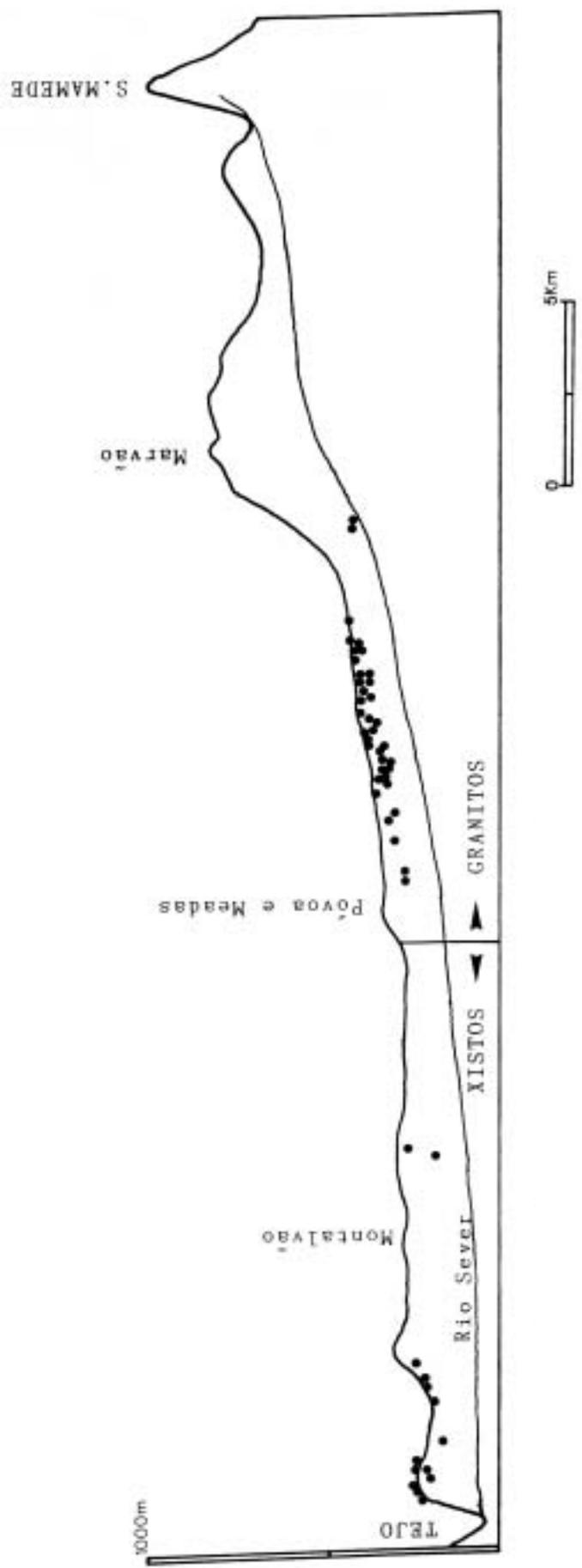


FIG. 1 - Projecção altimétrica das sepulturas megalíticas da margem esquerda do Rio Sever.

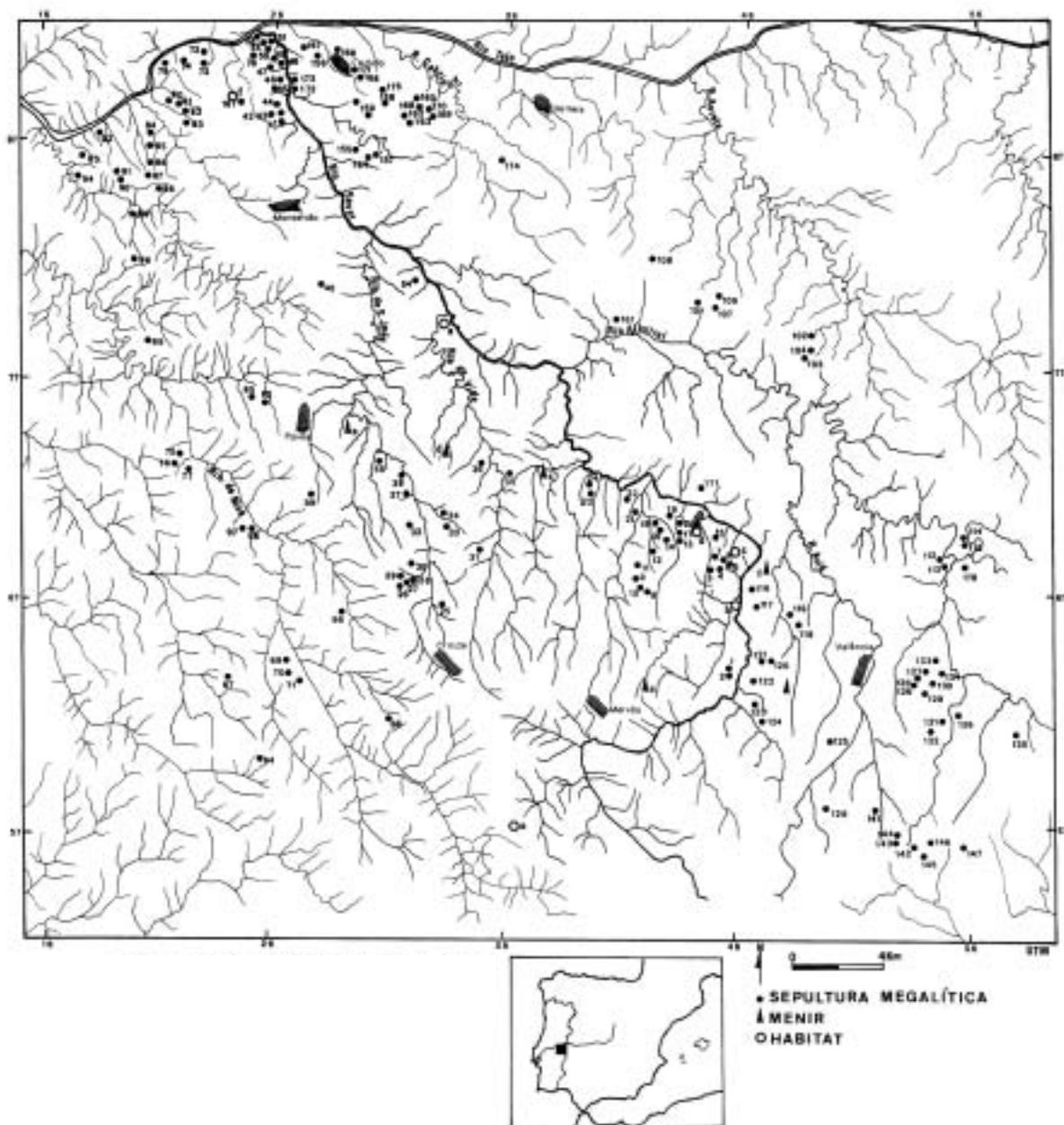


FIG. 2 – Carta Hidrográfica da Bacia do Sever.



FIG. 3 – Aspecto da escavação da anta da Lomba da Barca (Nisa).



FIG. 4 – Anta de La Sevillana (Cedillo).



FIG. 5 – Aspecto geral da escavação da anta da Fonte da Pipa (Nisa).



FIG. 6 – Identificação de enxó junto ao esteio de cabeceira da anta da Lomba da Barca (Nisa).



FIG. 7 – Vista geral, após a escavação, da anta da Lomba da Barca (Nisa).



FIG. 8 – Vista geral, após a escavação da anta do Padre Santo (Nisa).



FIG. 9 – Anta da Era de Los Guardias (Cedillo).



FIG. 10 – Anta de los Cuatro Lindones (Cedillo).



FIG. 11 – Anta de lo Cerro Caldera (Herrera de Alcántara).



FIG. 12 – Anta de la Charca Grande de la Regañada (Cedillo).

BIBLIOGRAFIA:

- BALBÍN BERHMANN, R.; BUENO, P. (1989) - Arte Megalítico en el Suroeste: El Grabado del Dolmen de Huerta de las Monjas (Valencia de Alcantara). XIX Congreso Nacional de Arqueología, 1987, Castellón de la Plana.
- BARATA, J. P. M. (1965) - O Menir da Meada. *Ethnos*. Lisboa, 4.
- BASSO, J. (1911) - Antas nos concelhos do Crato, Nisa e Castelo de Vide - *O Archeologo Português*. Lisboa. 1.
- BATISTA, J.; LEITÃO, M. (1980) - Um Monumento Dolménico nas Naves (Montalvão - Nisa). *Estudos de Castelo Branco*. Castelo Branco. 5, Nova Série.
- BERGES, M. (1959) - *Megalitismo en Extremadura*. Madrid: Tesis de Licenciatura, Universidad Complutense.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1986) - Megalitos en Extremadura. In *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular, España- Portugal*, 1984.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1987) - Megalitismo en Extremadura: Estado de la Cuestión. In *El Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) - *Los Dolmenes de Valencia de Alcantara*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 155).
- BUENO RAMÍREZ, P. (1989) - Camaras Simples en Extremadura. *XIX Congreso Nacional de Arqueología, 1987, Castellón de la Plana*.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1994) - *La Necropolis de Santiago de Alcántara (Cáceres), una hipótesis de interpretación para los sepulcros de pequeño tamaño del megalitismo occidental*. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología de la Universidad de Valladolid*. Valladolid.
- BUENO, P.; BERHMANN, R. de B. (1994) - El Arte Megalítico como Factor de Analisis Arqueológico: El Caso de la Meseta Española. In *Actas del 6 Congreso Hispano-Ruso de Historia*. Madrid: Fundación Cultural Banesto.
- CANINAS, J. C. P.; HENRIQUES, F. J. (1985) - Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa. In *Actas das 1as. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*. Portalegre: Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- CANINAS, J. C. P.; HENRIQUES, F. J. (1987) - Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa. In *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: I.P.P.C.
- DIAS, A. C.; OLIVEIRA, J. M. (1981) - *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Portalegre: Assembleia Distrital de Portalegre
- DIEGUEZ LUENGO, E. (1965) - Nuevas aportaciones a la prehistoria de Extremadura. *Zephyrus*. Salamanca, 16.
- DIEGUEZ LUENGO, E. (1976) - Los Dolmenes de Valencia de Alcántara, in *V Congreso de Estudios Extremeños*, Badajoz.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular: 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias, uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo, 7. Colóquio Internacional de Arte Pré-Histórica
- GONZÁLEZ CARBALLO, J. L. (1993) - El conjunto dolménico de San Vicente de Alcántara (Badajoz). *Norba*. Cáceres. p. 11-12.
- HENRIQUES, F. J. R.; CANINAS, J. C. P. (1980); *Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa*, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F. J. R.; CANINAS, J. C. P. (1986) - *Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa*, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1943) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Suden*, Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (1)*, Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (2)*, Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (3)*, Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, V. (1963) - Primeras fechas de radiocarbono 14 para la cultura megalítica ibérica. *VIIIº Congreso Nacional de Arqueología*, Sevilla-Málaga, Zaragoza.

- MONTEIRO, J. P.; GOMES, M. V. (1977) - Os Menires da Charneca do Vale do Sobral – Nisa. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 87.
- MUÑOZ CARBALLO, G. (1983) - Menhires de Valencia de Alcantara. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 17.
- OLIVEIRA, J. (1985) - O Menhir da Água da Cuba – Marvão. In *Actas das 1.ªs Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- OLIVEIRA, J. (1986) - *A estela decorada da Tapada da Moita*. Castelo de Vide: Câmara Municipal.
- OLIVEIRA, J. (1988) - *Introdução ao Estudo das Sepulturas Megalíticas da Margem Esquerda do Sever*. Universidade de Évora, Évora. (estudo policopiado).
- OLIVEIRA, J. (1990) - Aspectos do Megalitismo no Nordeste Alentejano. In *Actas do 1.º Encontro Regional de História*. Évora: Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (1991) - A Anta da Nave do Padre Santo – Nisa. In *IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- OLIVEIRA, J. (1992) - A Anta dos Pombais - Marvão - Notas de escavação. *Ibn Maruán*. Marvão, 2.
- OLIVEIRA, J. (1993a) - *Sepulturas Megalíticas del Término Municipal de Cedillo - Provincia de Cáceres*, Ayuntamiento de Cedillo, Cáceres.
- OLIVEIRA, J. (1993b) - Conservação de Monumentos Megalíticos - Aspectos de uma problemática, *Correio da Natureza*. Lisboa, 17.
- OLIVEIRA, J. (1993c) - Reutilizações e reaproveitamentos de materiais em sepulturas megalíticas do Nordeste alentejano. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Actas 1
- OLIVEIRA, J. (1993d) - O Rio Sever e as Fronteiras no 3.º Milénio A.C. In *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço*- Vila Velha de Ródão: Câmara Municipal.
- OLIVEIRA, J. (1994) - Intervenções em monumentos megalíticos no Nordeste alentejano. In *Actas do Encuentro sobre Patrimonio Transfronterizo*. Junta de Extremadura/IPAAR, Badajoz (no prelo).
- OLIVEIRA, J. (1995a) - *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, Universidade de Évora (tese de doutoramento policopiada)
- OLIVEIRA, J. (1995b) - A recuperação do Menir da Meada - Castelo de Vide. *Ibn Maruán*. Marvão, 5.
- OLIVEIRA, J.; BAIRINHAS, J.; BALESTEROS, C. (1996a) - Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede. *Ibn Maruán*. Marvão, 6.
- OLIVEIRA, J. (1996b) - Datas absolutas de monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever. In *Actas do 2.º Congreso de Arqueología Peninsular*. Zamora (no prelo).
- RODRIGUES, M. C. M. (1975) - *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Portalegre: Assembleia Distrital.
- SOARES, A. M. (1993) - Datações absolutas para os IV e III Milénios A.C.: Uma análise crítica. In *Actas do 1.º Simpósio Transformação e Mudança - O 4.º e 3.º milénios no Centro-Sul de Portugal*, Uniarq / C. M. de Cascais, 1993 - preprint distribuído pelo autor.
- WHITTLE, E. H.; ARNAUD, J.M. (1975) - Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in Central Portugal. *Archaeometry*. 17, fasc. 1.